

“Um Rosto Difuso” e a Realidade da Verleugnung nos Estados Limítrofes

Resumo

Esse trabalho tem como proposta despertar um diálogo que vai explorar questões metapsicológicas da recusa da realidade e suas variações enquanto operação psíquica e, por outro lado, apoiado em um conto literário, procurar encontrar formas de articulação e interpretação desse fenômeno na busca de uma hipótese do estreitamento das relações defensivas com a realidade que pode estar na base da constituição primitiva do sujeito psíquico. Por fim, após tentar criar elos entre essa hipótese psicanalítica nas vias de um discurso literário, serão apontadas situações clínicas encontradas nos estados limítrofes que se encaixam com toda a trajetória do estudo.

Palavras-Chave

Rosto, recusa da realidade, rejeição da realidade, borderline

“ Sempre morei em casa, mas em pouco dei por vê-lo por aí, esquivando em vão na porta ou escapando por algum corredor. Não sei quanto tempo ele esteve me observando (...) Só agora inverti o jogo. Sou eu quem o persegue (...) duvido, por exemplo, que exista alguém que conheça melhor a casa do que eu”

Um rosto; é o que esse sujeito tem como visitante em sua “casa” nessa citação. Um rosto; não composto por um corpo e pelos membros, e sim “um rosto”: e só. Essa entidade, por outro lado tem formas: cabelo, olhos, boca e com tudo isso sua androgenia pode ser

questionada; um rosto sem corpo é capaz de ter vida? Penso ser interessante situar essa estória. Um jovem, que em sua casa nada podia estar fora do lugar (mesas, móveis do quarto, cadeiras da sala, etc) vê sua suposta segurança ser abalada. De repente, surge um rosto que o persegue em seus aposentos, como a que flutuar pela casa. Nesse espaço, há incompatibilidade da presença desse objeto; ele tinha que persegui-lo, prendê-lo de alguma forma. Para o morador de uma casa como essa, tudo é ao mesmo tempo estranho e familiar.

Apesar da vivência de estranheza, ele não pode aceitar um rosto amorfo como esse, rondando sua casa. Ao encontrá-lo frente a frente em um espelho, o rosto também se assusta, cai em uma escadaria e se revela um humano. Mesmo assim é preso em uma gaiola, e seu caçador passa a cuidar de seus ferimentos. Aliviado, ele passa a caminhar pelos aposentos sem se incomodar.

(In)cômodos à parte, o que mais espanta esse sujeito é o fato de que, mesmo preso, ele não conseguia deixar de ficar ao lado desse ilustre preso. Diante dessa ausência/presença, encontramos um sujeito só, triste, incerto e com medo: “Ele pode voltar?”. Seria como se sentisse sua presença o tempo todo.

O que mais chama a atenção no conto: “*O Rosto*” do escritor Amílcar Bettega Barbosa, além do surrealismo presente, é a estranheza, a persecutoriedade, a piedade e o temor vivenciados pelo personagem diante de “alguma coisa” que é sentido como sendo parte de si, ou com uma existência própria. Além disso, o que realmente estava em jogo, era manter tudo que o preservava assegurando uma certa certeza de sua condição; tudo no seu devido lugar. Esse rosto quebra essa possibilidade, o destitui dessa condição irredutível da mesmice.

A situação vivida pelo personagem revela uma peculiaridade no que se refere à recusa da realidade; a questão da não admissão de uma percepção perturbadora, de uma cena que, para o sujeito, não pode ser notada. Quem se propõe a investigar esse tipo de fenômeno como Penot (1992; p. 4) ressalta que essa rejeição da realidade pode assumir uma amplitude na vivência de estranheza, de confusão, de terror. Há mistura entre *familiaridade e estranheza*, como denota o nome *unheimliche* (o estranhamente familiar). Como uma *tremedeira*, *chaqualhão* ou indiferença completa cujo resultado é perda de sentido. Partindo desse pressuposto, ele oferece ainda uma pista importante no que se refere

a essa vivência. Segundo ele, essa problemática se vincula na dificuldade que o sujeito tem em dar sentido a alguma coisa que aponta para a raiz de uma história.

Evidente que dentro do pensamento freudiano, uma tal incredulidade se faz presente em toda uma tentativa de se recusar uma parte da realidade; mas em que ponto ou em que momento da constituição psíquica se faz presente esta recusa? Seria esse o mecanismo primitivo presente desde os primórdios das relações de objeto e das experiências do prazer, ou será que ele irrompe em momentos específicos e inesperados. Que lugar pretende reservar à recusa da realidade na economia defensiva do indivíduo?”. O autor demonstra, que a representação desse “*rosto*” insuportável, não é apagada pela recusa da realidade, apenas reduzida a uma não significância, a um não valor simbólico, e a manutenção dessa não significância como posição frente à realidade, tem como prerrogativa, mudanças nesses mesmos referenciais, o que faz com que o autor articule essa situação com as relações do registro narcísico desses elementos, e da forma do retorno dessa cena que pede ao sujeito, sua restituição.

O lugar da recusa na constituição do aparelho pode também estar associado a uma “falta interior”, mas não sua presença como um correspondente da angústia e sim, uma recusa como percussora de um perigo diante dessa falta interior a fim de nada se haver com isso. É diante desse impasse, que torna possível recorrer à recusa.

“Finalmente ele estava diante de mim; me aproximei e não consegui evitar a surpresa ao vê-lo tão jovem (...)” (BARBOSA; 2002, p. 77)

Ele finalmente conseguiu aprisionar aquele rosto; um controle confirmado e ao mesmo tempo destronado pela surpresa: rosto jovem, que reflete ingenuamente seu próprio descontrole. Então, não havia como sustentar essa onipotência, justamente pela lacuna marcada pela surpresa.

Silveira (2002, p. 278) contextualiza essas prerrogativas a partir de uma fenda na realidade da castração. O sujeito, frente a isso, recorre a uma tentativa de projetar sua onipotência frente à percepção da falta. Em seguida, um pedaço dessa realidade sufocante é destacado junto a essa percepção. O que retorna é a tentativa de criar nova realidade, algo

que não o sufoque tanto quanto o vazio que a falta proporcionaria. Há, como efeito dessa fenda, uma falha na representação traumática da castração, proporcionando um local, destacado por Penot (1992, p.34) como condensação imaginária entre o interno e o externo.

Isso demarca uma aproximação entre o julgamento de uma cena capaz de ser rejeitada: *o fundamental é estar livre das perseguições desse rosto* e a marca deixada por esse julgamento: *a casa sempre continuará como está*. Lacan (1981, p. 56) diz que esse recurso está em um nível em que não há mais nenhum traço acerca de uma lembrança, justamente porque não há nenhum julgamento acerca dessa falta. Seria como se ela não existisse. Nesse ponto, não haveria uma indiferença absoluta, porque a mesma pressupõe o julgamento de algo da igualdade, da diferença ou do: *“tanto faz”*. Essa formulação converge à capacidade da existência de um para além do recalque, já constituído primitivamente e que se revela a partir dessa não existência. Ele diz também, que toda forma de recalque é atraída por esse núcleo primitivo que se aproxima a uma certa experiência original de trauma.

Em suma, esse processo coloca lado a lado, a questão da abolição simbólica de uma falta que consiste na suspensão do próprio julgamento; essa porção da realidade que por um jeito ou outro, é capaz de ser excluída de uma parte do eu, não se implica em nenhuma forma de familiarização com o objeto. A castração seria a inauguração de julgamento, uma existência de uma negação, de um *não*, ser e não ser, estar e não estar. Isso poderia estar no cerne de uma hipótese acerca desse tema: uma abolição da castração, abolição dessa capacitação da linguagem, seria algo de origem de um pré-sujeito, anterior à linguagem, de uma proteção ante a ela?

Diante dessas especulações pode-se questionar em que ponto situa-se a rejeição na teoria psicanalítica: a partir do princípio do prazer/desprazer? Onde a suspensão de uma tensão permite ao sujeito, diminuir seu desprezer? ou no processo de constituição do narcisismo primário, nas relações com seu objeto primordial. Talvez o que dá esse caráter narcísico na constituição do sujeito, possa estar na dimensão representativa dos objetos pela alucinação, inserindo aí, a rejeição como um (des) juízo atribuído e não como uma defesa; tema conexo já que Freud coloca a alucinação com atividade mais primitiva que visa abolir e negar qualquer falta, de existência e de atributo.

Essa condição em se atribuir uma qualidade dessa experiência primordial limite, faz com que o pequeno sujeito atribua, algum critério, ao nível da estruturação do seu inconsciente, e dá caracterização da recusa como uma das operações psíquicas que podem surgir. Por conseguinte, a qualidade da recusa como um não julgamento da realidade se diferencia da negação que se caracteriza pela maneira que o sujeito tem para tomar conhecimento do recalcado com a premissa de nega-lo, e com isso, seu conhecimento passa a ser menos traumático pela ação de uma supressão, fazendo com que esse mesmo conteúdo se torne consciente pelo simbolismo. Nesse caso, a função do julgamento se relaciona a algo que o sujeito gostaria de recalcar.

Na passagem do conto, em que o sujeito encontra aquele rosto frente a frente ao espelho, faz com que as possíveis lembranças de uma angústia fossem recalçadas pela necessidade de prendê-lo. No caso da recusa, a realidade percebida (um rosto frente a frente ao meu, no espelho) tentaria perenizar essa falta pela insistência em não criar atributos e juízos que possam evidenciar sua angústia. Entretanto o paradoxo da recusa e da rejeição surge quando ficam próximos; a convivência sem denegar o que um representa ao outro se torna insuportável; o rosto sente fome como ele, sede como ele, “tão humano” como ele! Como ele pode ter vida? Flutuar?. Prender o rosto em uma gaiola se torna a encarnação dessa recusa: *Eu sei que ele pode ter vida, porque tem desejos humanos, mas mesmo assim vou prende-lo e criá-lo em uma gaiola.* Será que isso me (des) humaniza?

A Hipótese de uma recusa como mecanismo constitutivo do sujeito

Apesar de tentar fugir, desconhecer como sendo parte de mim, ele sente a presença desse rosto: parece que espreita, que está vivo e que poderá voltar a qualquer momento: como se realmente existisse para além dele. Através das lembranças, constata a surpresa que sempre foi presente; parte dele. Num propósito vil de tentar entender qual sua origem, o preço a pagar seria a consequência de desmontar todos (ou se não quase todos) os referenciais seguros da realidade: a casa.

Parece com isso, que os conflitos dos limites com a realidade psíquica, possam ser um efeito de uma atividade especular primitiva que antecede a produção imaginária dos objetos de prazer. Seria como, impulsionado por uma energia psíquica, o sujeito ficasse

preso a um outro olhar, simultaneamente em um espelho, e reclamasse a presença desse outro olhar: *Eu preciso de você para dizer quem sou*. Esse pedido não é respondido; aliás, constata-se que ele nunca existiu. Isso que retorna e que precisa desaparecer denuncia uma lacuna que constitui esse sujeito.

Sob o ponto de vista da geração das primeiras exigências vitais e a combinação entre pulsão e os traços deixados por esse objeto, à recusa pode estar presente, se o sujeito tivesse a necessidade de satisfação do prazer, clamando àquela que, per si estaria na condição de supri-lo, que é a figura materna. Entretanto, um sinal qualquer dessa percepção não surge fazendo com que esse eu-prazer se decomponha ante essa ausência.

Tomando como referencial essas conseqüências o ponto de discussão entre as experiências de prazer e desprazer, são fundamentais. No texto *Além do Princípio do Prazer* (1920), Freud (1996, p.18) demonstrará uma tendência psíquica de se evitar o desprazer e manter sempre uma constância das sensações de prazer. A tendência à expulsão intrapsíquica pelo princípio do desprazer, adquire a especificidade de um trauma, apresentando a ressonância de um choque, conseqüência de um movimento em vias de diminuição da angústia. O estabelecimento de uma dimensão conservadora em relação às excitações internas é designado como princípio de Nirvana.

O instinto derivado da satisfação primordial pode ser incompatível pelas vias da demanda materna. Ele pode ser expelido pelos vários mecanismos de negação. Como para Freud o desprazer é sempre desprazer perceptivo, a intensa produção de energia psíquica faz com que a percepção provoque uma sensação de perigo, relacionada a uma possível introjeção assustadora do objeto primordial; exilando-o, abandonando-o, pois qualquer tentativa de obtenção de novos objetos de identificação, faz o sujeito se remeter ao mesmo objeto assustador que praticamente se integra a ele. Essa incorporação pode provocar uma desintegração na formação inicial do psiquismo do sujeito, que o espaço entre essa primitividade e as imagens formadas pela realidade, se integram em uma coisa só. Uma possível *Werwerfung* ou *Verleugnung* embrionário psiquicamente, pode se situar aí.

A vivência alucinatória desse objeto, quando ausente, põe o sujeito frente às exigências pulsionais para restituição do mesmo. Essa exigência de reparação provoca dor e desamparo. Isso criaria um campo de tensão, uma fresta no lugar dessa dor. A interseção entre esse mecanismo, sua força de expulsão, se relaciona com a constituição ou não de

uma diferença. É no afastamento ou na coincidência entre a vivência de prazer alucinatório e a lembrança (traço) dessa experiência original é que demarca a tensão que gera um estado de limite entre o real e o imaginário.

Um Olhar Assustador e um Rosto que espreita: As Fronteiras da Clínica Borderline

Nessa parte de nosso estudo, o objetivo é estabelecer um diálogo capaz de simular uma situação analítica entre as observações psicanalíticas feitas e nosso personagem preso em um conflito sem fim. Esse limite entre o real, a fantasia, o instável e o absurdo, revelam a possibilidade de articulação entre as operações da Verleugnung ou da Werwerfung nos estados limites.

Para tanto, será utilizado como referência o artigo de Luiz Cláudio Figueiredo: “*A Clínica Borderline*”, para essa empreitada. Imaginando nos olhos desse rosto, o olhar de um analista frente a um sujeito atormentado pelos limites da realidade, pode-se perceber que os intensos ataques indiretos que vão desde o sentimento de identificação, até o distanciamento persecutório, colocam esse olhar como um depositário das pulsões destrutivas. No conto, quando o sujeito tenta se identificar o rastro desse olhar como forma de contensão na tentativa de despojar da ameaça desse olhar “analítico” de seu próprio estado de aniquilamento. É como se o olhar espreitado desse rosto como correspondente de um analista, deflagrasse respostas não menos moderadas, que vão da suspeita, a credulidade, do terror agressivo à estranheza.

É como se o olhar analítico pudesse estar excessivamente distante daquela presença, contudo em outros momentos, visa preservar suas reservas narcísicas e pulsionais. Nesse paralelo, pode-se perceber a intensidade de procurar aniquilar o olhar atormentador desse rosto, que sabe muitas vezes onde se esconder e onde se aproximar, enfraquecendo ainda mais as condições perceptivas e egóicas geradas pela clivagem do sujeito. Na clínica borderline isso pode ser comum. No conto, uma passagem peculiar chama a atenção e se parece muito com essa condição, quando nosso personagem, diante do encontro frente a frente com esse olhar e posteriormente com a partida desse rosto, sofre pela incerteza e pela dispersão dos sentimentos; como se aquele rosto fosse tão difuso que se confundia

com o dele. Isso caracteriza os processos de identificações projetivas maciças comuns nas clínicas borderlines.

Essa relação entre analista e paciente, entre clínica limite e o olhar do analista, entre um rosto sem corpo e um homem atormentado entre as realidades, lançam mão das várias dimensões da clínica psicanalítica e dos estudos metapsicológicos que estão na estreiteza do alcance que vai das operações que viabilizam as percepções da realidade e o uso da clivagem do ego como forma de defesa das ambigüidades, das instabilidades e das ansiedades difusas desses tipos de sujeitos.

Referências Bibliográficas

1. ANDRADE, C. D. *Corpo*. 16^a edição. Rio de Janeiro, RJ. Editora Record. 2002. p.31.
2. BARBOSA, A B. *Deixe o quarto como está ou estudos para a composição do cansaço*. São Paulo, SP. Editora Companhia das Letras. 2002. p. 71 a 80.
3. FIGUEIREDO, L. C. *Elementos para uma Clínica Contemporânea*. São Paulo, SP. Editora Escuta. 2003. p. 109 a 126.
4. FREUD, S. *Rascunho K: As Neuroses de Defesa*. Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud. V.I, Rio de Janeiro, RJ. Editora Imago. 1996.267 a 275.
4. _____ *As Neuropsicoses de Defesa (1894)*. Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud. V.III, Rio de Janeiro, RJ. Editora Imago. 1996. p. 53 a 66.

5. _____ *Observações adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa (1894)*. Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud. V.III, Rio de Janeiro, RJ. Editora Imago. 1996. p. 163 a 188.
6. _____ *Sobre as Teorias Sexuais Infantis (1908)*. Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud. V.IX, Rio de Janeiro, RJ. Editora Imago. 1996. p. 191 a 208.
7. _____ *Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco anos (1909)*. Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud. X, Rio de Janeiro, RJ. Editora Imago. 1996. p. 11 a 132.
8. _____ *Fausse Reconnaissance (Déjà Raconté) no tratamento psicanalítico (1914)*. Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud. XIII, Rio de Janeiro, RJ. Editora Imago. 1996. p. 203 a 212.
9. _____ *História de uma Neurose Infantil (1914)*. Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud. XVII, Rio de Janeiro, RJ. Editora Imago. 1996. p. 13 a 128.
10. _____ *O Estranho (1919)*. Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud. XVII, Rio de Janeiro, RJ. Editora Imago. 1996. p. 233 a 270.
11. _____ *A Negativa (1925)*. Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud. XIII, Rio de Janeiro, RJ. Editora Imago. 1996. p. 161 a 270.
12. _____ *O Fetichismo (1927)*. Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud. XXI, Rio de Janeiro, RJ. Editora Imago. 1996. p. 149 a 160.
13. _____ *Construções em Análise (1937)*. Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud. XXIII, Rio de Janeiro, RJ. Editora Imago. 1996. p. 271 a 288.

14. _____ *A Divisão do Ego nos Processos de Defesa (1938)*. Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud. XXIII, Rio de Janeiro, RJ. Editora Imago. 1996. p. 289 a 296.
15. LACAN, J. *Seminário I: Escritos Técnicos de Freud*. Rio de Janeiro, RJ. Editora Jorge Zahar. 1981. p. 15 a 40.
16. LECLAIRE, S. As Palavras do Psicótico In. KATZ, C. S. (org) *Psicose: Uma Leitura Psicanalítica*. 2ª edição. São Paulo, S.P., Editora Escuta. 1991. p. 75 a 124.
17. MANNONNI, O Eu sei, mas mesmo assim In. KATZ, C. S. (org) *Psicose: Uma Leitura Psicanalítica*. 2ª edição. São Paulo, S.P., Editora Escuta. 1991. p. 75 a 124.
18. PENOT, B. *Figuras da Recusa: Aquém do Negativo*. Porto Alegre, R.S., Editora Artes Médicas. 1992. 209 p. RABINOVICH, S. *Forclusão: Presos do Lado de Fora*. Rio de Janeiro, R.J., Editora Jorge Zahar. 1991. 110 p.
19. SILVEIRA, M C. F. Bate-se numa Criança: Um Estudo sobre um Caso de Paranóia In. *Cadernos de Psicanálise: Sociedade de Psicanálise da cidade do Rio de Janeiro*. V. 18, n.12, p. 273 a 289, 2002.
20. SOUZA, P. C. *As Palavras de Freud: O Vocabulário Freudiano e suas Versões*. São Paulo, SP, Editora Ática, 1999, p. 213 a 233.

Rodrigo Otávio Fonseca

Rua Bueno Brandão 805- centro- Pouso Alegre-MG- CEP 37550000

Psicólogo Clínico- CRP 21926/04

Mestrando em Psicologia- Universidade São Marcos- S.P.

rodrigootaviofonseca@yahoo.com.br

telefones: (35)3421-9302/(35)3422-8122